

Vozes nas Orilhas ou o Regional na Representação da Cultura

Voices in the Borders, or the Regional in the Representation of the Culture

Paulo Sérgio **NOLASCO DOS SANTOS**

Professor Doutor da Universidade
Federal da Grande Dourados
(UFGD), Dourados (MS);
Pesquisador do CNPq.

paulonolasco@ig.com.br

Josué Ferreira de **OLIVEIRA JÚNIOR**

Mestrando em Literatura e Práticas
Culturais pela Universidade Federal
da Grande Dourados (UFGD),
Dourados (MS).

josuamusic@ig.com.br

Avelino Ribeiro **SOARES JÚNIOR**

Graduando do 4º ano do
curso de Letras–Licenciatura–
Habilitação Português/Inglês, da
Universidade Federal
da Grande Dourados (UFGD),
Dourados (MS). Bolsista de
Iniciação Científica–
PIBIC/CNPq–2012/2013.

avelinoletras@gmail.com

Resumo

Propõe-se refletir sobre as relações entre enunciações de vozes regionais e a prevalência da oralidade em textos que prefiguram aspectos da voz-matriz do regionalismo, particularmente atento às localizações em que a selva supre o caudaloso substrato de várias literaturas regionais. Passando em revista o discurso teórico-crítico sobre o assunto, visando à *des-hierarquização* do quadro historiográfico, procura-se recuperar narrativas como resultantes da oralidade e da cultura descentrada, cuja mediação mostra-se na contraface das relações entre literatura, regionalismo e representação cultural. Assim, *Selva Trágica* (1956) e *A Selva* (1930) são vistas como paradigmáticas, ao imprimirem, na representação do regionalismo, o drama que retratam, em reverberante “grito” das histórias locais: extração da erva-mate na fronteira sul-mato-grossense e do “inferno verde” no seringal amazonense.

Palavras-chave: literatura regional; selva; oralidade; histórias locais; Estudos Culturais.

Abstract

It intended to reflect about the relationships between enunciations of regional voices and the prevalence of the orality in texts that prefigure aspects of the matrix voice of the regionalism, particularly attentive to the locations in which the jungle supplies the torrential substratum of several regional literatures. Reviewing the theoretical-critical speech on the subject, seeking the *unbierarchization* of the historiographic picture, it tries to recover narratives as resultants of the orality and of the discentered culture, whose mediation is shown in the counterface of the relationships among literature, regionalism and cultural representation. Thus, *Selva Trágica* (1956) and *A Selva* (1930) are seen as paradigmatic, as they print, in the representation of the regionalism, the drama they portray, in a reverberant “scream” of the local histories: the yerba mate extraction in the south border of Mato Grosso and the “green” hell in the Amazon seringal.

Keywords: regional literature; jungle; orality and representation; local stories; Cultural Studies.

À guisa de introdução

*“Ninguém se interessou pelo espólio de Pedro Canga.
Para que? Era um poeta rústico, um violeiro
andarengo, incapaz de sentar-se à mesa; e além do
mais – não sabia escrever... A lenda virou verdade;
e passou em julgado.”*

(CÉSAR, 1968, p. 14)

A epígrafe do mestre Guilhermino César abaliza orientando nossa perspectiva de análise, na medida em que, ao evocar consistente tradição oral na recuperação das trovas de Pedro Canga, perdido na imemorable oralidade dos tempos, não só recoloca uma perspectiva crítica – como dirá em seguida – mas também abre um modo de olhar a própria abordagem sobre o perfil de escritores, misto de lendas e tradições orais que os fizeram perpetuar-se. O título do livro de Guilhermino, *O embuçado do erval* – mito e poesia de Pedro Canga, referindo-se à região/localidade do trovador¹, sugere, para este trabalho e nossa enunciação, uma focalização específica sobre o Ciclo do Erval, particularmente o da fronteira Brasil-Paraguai, bem como à discussão que desenvolveremos a partir deste locus de enunciação e sua projeção na literatura regional brasileira. Interessamos ainda, inicialmente, a perspicácia crítica de Guilhermino ao enfatizar que: “A vida literária (perdoem-me o acacionismo) se constela de influências epocais, algumas vezes impresentidas pelos autores, e não raro pela crítica mais aguda” (CÉSAR, 1994, p. 51).

Assim, neste texto, nossa análise visa ao encontro de uma perspectiva catalisadora da natureza regionalista, ou seja, de natureza localista, espaço que privilegia a tensão entre personagem e autor. Torna-se substantiva essa relação em narrativas que, como lembra Tania Carvalhal, ao discorrer sobre a dificuldade deparada pelo autor no processo de criação,

1 | Nome de guerra de Pedro Muniz Fagundes que, em 1853, militara nas fileiras da *Legalidade*. Talvez, o mais espontâneo, o mais inspirado poeta do seu tempo. Tido como inculto, não era na verdade inteiramente desprovido de letras: “Nessas visitas ao posto da invernada costumava ver pelas costas e no fogão do umbu, um gaúcho às direitas, de melenas caídas aos ombros, barba inteira, sempre de chiripá e esporas nazarenas, às vezes chimarreando, outras tocando viola e cantando versos alegres, que me pareciam tristes pelo tom dolente das notas. Era mais choro do que canto a sua cantoria. Não raro o Capitão Mingote atirava-lhe uma quadra já estudada, em desafio, como que faz um chá-chá! De pelego ao touro empacado; e o trovador se

vinha, sem titubear, respondendo aquela, com floreios de língua; e seguia e seguia cantando no mais, sobre o mesmo assunto, como parreheiro que não pára enquanto não chega ao laço da cancha. Pedro Canga era o nome que desse cantor afamado corria mundo” (CÉSAR, 1968, p. 12) | Disponível em: <<http://vestindoosnus.com.br/figurinistas/gabriel-villela.htm>> Acesso em: 11 mar. 2013

uma vez que sua busca pelo linguajar regional é “dispositivo essencial para a construção do personagem e sua adequação ao universo da campanha”. Aspecto esse que o próprio Jorge Luís Borges observara, ao tratar do *Martín Fierro*: “Em minha curta experiência de narrador comprovei que saber como fala um personagem é saber quem é, (...) descobrir uma entonação, uma voz, uma sintaxe peculiar, é descobrir um destino” (BORGES, *apud* CARVALHAL, 2000, p. 149). É oportuna a observação do renomado escritor sul-mato-grossense Ulisses Serra, que, no consagrado *Camalotes e guavirais*, apresenta uma caracterização do peão do erval, paraguaio e personagem do escritor Hélio Serejo, como uma figura, senão “diferente”, exótica, desprovida de aparência humana:

São extremamente fortes. Conta-nos Hélio Serejo, em Homens de Aço, que no intrincado verde dos ervaais, rudes, agressivos, o ervateiro paraguaio carrega sobre os ombros um raído de cerca de duzentos e dez quilos varando caminhos difíceis e longos. De léguas, às vezes. (...). Fletz, Ávalos, Martinez, Portilho e outros. Para mim eram invulneráveis e incontíveis (SERRA, 2006, p. 152).

Infeliz e desditoso é o desfecho desse relato de Ulisses Serra, sintomaticamente intitulado “Ruínas humanas”:

Fletz morreu na sangrenta Guerra do Chaco. De Diaz e Ávalos não sei notícias. Martinez eu o encontro sempre, desmantelado, escombros do que foi. Portilho, o velho atacante muito pobre, alquebrado, destruído pelos anos e pelo infortúnio. Alfaiates, deixaram-se entrar pela noite branca e fria da velhice, de agulha e linha entre os dedos, e estes, dia a dia menos ágeis e improdutivos. Esfacelados pelos anos e pela miséria, esmagados pela desdita, são hoje simples frangalhos humanos aqueles atletas de outrora (...). Velhice, trágico aperitivo da morte (SERRA, 2006, p. 154).

Nesta linha de caracterização do nosso personagem do erval transmutado em autor-narrador, figurativização da voz serejiana, acresce retomar o autor dos *Contos gauchescos*, Simões Lopes Neto, cujo herói, Jango Jorge, é descrito como o gaúcho que “tinha vindo das guerras do outro tempo; foi um dos que peleou na batalha do Ituzaingó (...)”. É justamente a ele – personagem – que seu autor delega uma função indispensável no contexto do vasto pampa em que transcorrem os *Contos gauchescos*, numa ambiência e “fábula do lugar”, que se pode transladar como citação de muitas falas do nosso narrador-autor Hélio Serejo, que frequentemente vai se mostrar como se relesse aqueles *Contos*:

Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar os campos da fronteira: à luz do sol, no desmaio da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...;

ainda que chovesse reúnos acolherados ou que ventasse por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada! (LOPES NETO, apud CHAVES, 2006, p. 63).

Deste ponto de vista, evocando essa voz-matriz dos regionalismos, a crítica comparatista de olhar perspicaz aprofunda a noção produtiva de “fábula do lugar” e, assim, localiza um *ethos* e uma prática sintetizadora do pensamento guilherminiano, a que vimos aludindo desde o início:

*Assim, pois, revisitar a produção de Guilhermino César, hoje, pela mediação de seu pensar teórico-crítico sobre o Regionalismo, incide em certa representação da Literatura Brasileira como **fábula do lugar**, antecipando-se às palavras de Jean Bessière, quando este comparatista francês diz: “Le lieu s’invente de lui-même, hors de toute illusion, dans la mesure où il transcende les signes, où il s’absente de tout emploi qui puisse être fait des signes, de ses signes”* (SILVA, 2009, p. 162, grifo nosso).²

2 | “O lugar se inventa dele mesmo, fora de toda ilusão, na medida em que transcende os signos, onde ele se abstém de qualquer emprego que possa ser feito dos signos” (Tradução nossa).

Vozes do lugar ou o regional como representação da cultura

Há uma estrita relação entre regionalismo e oralidade, que convém sublinhar, mais em função do que esta intersecção significa enquanto registro de representação da cultura, *grosso modo*, e menos pela repisada discussão, carregada de binarismos, matizada de preconceitos ou de evidente maniqueísmo, que geralmente resultam de tais abordagens, fatalmente derivadas do “confronto” entre regional *versus* universal. Torna-se oportuno mencionar o fato de que Guimarães Rosa, ao publicar *Grande sertão: veredas*, hoje talvez a obra mais importante em língua portuguesa, recebera acerbas críticas, ao lançá-la em 1956, ouvindo

(...) críticas delirantes, como, por exemplo, aquela que dizia ser seu livro uma mera revivescência do passado regionalista, já encerrado, ou aquela que afirmava ser o Grande sertão uma mera curiosidade acadêmica, própria para professores de linguística (FISCHER, 2007, p. 64).

É fato, também, que *Sagarana*, antológico livro de contos do escritor mineiro, publicado em 1946, trazia, com o relato de “O burrinho pedrês”, a gênese matricial da narrativa roseana, calcada na recuperação da linguagem do sertão, na oralidade do narrador protagonista, Riobaldo, que narra a partir de uma voz refletora dessa oralidade que é, segundo Wander Miranda, o “resultado de quinhentos anos de oralidade. É totalmente oral e, ao mesmo tempo, totalmente letrado” (MIRANDA, 2006, p. 165). Daí, a pertinência da observação de Fischer (2007), ao ressaltar que o mundo rural e natural se impõe no Brasil, na história das literaturas brasileiras e/ou latino-americanas:

Salvo o caso de São Paulo, de que a natureza parece mesmo ter sido banida e confinada nos vasos de latas e nada mais, em toda parte o país está mergulhado na natureza, seja a Amazônia, seja o pampa sulino, o sertão ou o Pantanal, seja a lonjura de Corumbá ou mesmo na antiga capital, o Rio de Janeiro, ilha cercada de mato, morro e mar (FISCHER, 2007, p. 63).

Paralelamente, em ensaio intitulado “O regionalismo como outro”, publicado na Revista *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, cujo número temático dedica-se à “literatura e resistência”, a autora investiga, a partir das concepções de Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel-Pereira, Alfredo Bosi e Antonio Candido, a construção do discurso crítico sobre o regionalismo. Além disso, mostra como se desenvolveram os processos de regionalização e nacionalização, no Brasil, desde a passagem do Império para a República, uma vez que a construção do discurso sobre o regionalismo foi tocada por razões políticas: os conceitos de “nação” e “região” surgem como opostos, na medida em que um aparece ligado à cidade como centro do poder, enquanto a ideia de “região” surge ligada a um “outro” posto em relação ao poder central. Daí, a ideia de que a palavra “regionalismo”, como observa a ensaísta, vem atrelada “com um discurso coberto de preconceito”:

Falar de regionalismo causa sempre uma estranheza. Estranheza que vem do fato de a palavra regionalismo estar investida de uma carga semântica que, no mais das vezes, remete a nacionalismos baratos e tacanhos. Grosso modo, regionalismo é a expressão literária que valoriza a força que se dá a peculiaridades locais, tanto em suas formas particulares de dizer quanto na exploração descritiva de seu lugar geográfico (ARAÚJO, 2006, p. 112).

Para justificar suas afirmações, a autora revisa a posição dos críticos-historiadores do regionalismo, salientando que, para Afrânio Coutinho, o termo “regionalismo” ou pode ser entendido como a capacidade de as obras de arte terem como pano de fundo um lugar (regional) ou, ainda, ao fato de brotarem desse local particular. Enfatiza, inclusive, que a literatura sofre quando os escritores se afastam de suas fontes locais, concluindo, com André Gide, que é na particularização que pode ser alcançada a humanidade profunda e evocando, ao final, um brocado espanhol que diz: “El pátio de mi casa es particular; cuando llueve se moja como los demás” (ARAÚJO, 2006, p. 115). Em seguida, constata que, de um modo geral, o próprio ato crítico, através das histórias literárias, esteve relacionado à ideia de hierarquia; o que, admita-se, não pode mais ser reconhecido, hoje em dia, face a uma perspectiva teórico-crítica receptiva à “elasticidade e tolerância das fronteiras textuais.” (SOUZA, 2007, p. 151).

Diante de uma escala de valores, a questão do regionalismo não pode ser resumida nem em termos de região e nação, nem na oposição elite/excluídos. À atividade crítica caberia *re-pensar* seus próprios termos, ainda que em terreno movediço (ARAÚJO, 2006, p. 123). Tendo esse reconhecimento como foco, a partir do qual os textos poderiam ser melhor verificados com a relativização de rótulos, de chancelas do mercado editorial e, também, porque há muito tempo, como dizia Julio Cortázar, “nenhuma resenha teórica pode substituir a obra em si” (CORTÁZAR, 1974, p. 148).³

A Selva na literatura regional amazônica

Retomemos a emblemática passagem que ilustra a abertura do livro de Abrahim Baze, *Ferreira de Castro* – Um imigrante português na Amazônia, recém-publicado em homenagem à saga “*selvaggia*” de Castro, também amplamente explorada pelo ensaísta de “A selva e o regionalismo amazônico”:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definida, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça (CASTRO, apud BAZE, 2010, p. 9).

A partir de seu lugar de pertencimento, que aponta para o longe, para o “deslimite do vago”, seja a temática de *Selva trágica* (1956), de Hernâni Donato, ligando o regionalismo sul-mato-grossense com o regionalismo amazônico, seja a de *A selva* (1930), de José Maria Ferreira de Castro, ambas as narrativas da selva circunscrevem-se num lugar de literatura regional, que constituiria, segundo Cosson (1998, p. 86)

(...) como um discurso que, operando uma série de oposições dicotômicas, documenta e inventa, (...), uma identidade sociocultural (...). Para definir o que lhe é próprio, o regionalismo mitifica um tempo, um espaço e um elemento humano determinado que passam a ser marcos referencializadores do que é legitimamente regional.

Também neste sentido, Nolasco e Bessa-Oliveira (2011) abordam a constituição identitária do Mato Grosso do Sul, como um estado lindeiro, que faz fronteira tanto com

3 | Não é do nosso interesse voltar à querela que, há muito tempo, desgasta a historiografia, demonstrando parco avanço na ressemantização dos conceitos críticos sobre região/local e regionalismos. Para que se possa refazer o percurso desta reflexão, remeto para FISCHER (2007), DINIZ; COELHO (2005), ARAÚJO (2006), SANTOS (2008), e SANTOS (2009): “Fronteiras do local: o conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina”. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rilm/issue/view/265/showtoc>>. Acesso em: 22 fev. 2013.

outros estados brasileiros, quanto com países, como Paraguai e Bolívia, além de ser conhecido como um estado de passagem, o que contribuiu para a formação de uma identidade híbrida/plural. Tal formação identitária, entretanto, não é levada em consideração pelo estado e pelo discurso crítico por ele patrocinado.

De outra perspectiva, Stegagno-Picchio (2004) lembra que, uma das características marcantes do regionalismo brasileiro é a emergência de grandes temáticas que passaram a responder e a se constituir como faces e/ou sinônimos do regionalismo:

Cada região oferece sua própria contribuição de modismos temáticos e expressivos, nascendo os grandes filões regionalistas: onde a Amazônia intervém com o inferno verde da sua selva, o Sul propõe os seus gaúchos, (...); o interior do país, seu próprio sertão, variamente árido (STEGAGNO PICCHIO, 2004, p. 384).

Assim, retomando Cosson (1994, p. 359), que, ao comentar a relevância de *A selva* no contexto da literatura amazônica, sublinha “(...) seu verde exuberante, a imensidão da floresta e a abundância de águas e animais, [que] tem se constituído numa referência temática permanente na literatura brasileira”, tema predominante em muitas obras de escritores amazônidas, dentre essas, a de Ferreira de Castro – *A selva*:

(...) a despeito das narrativas anteriores, a obra que conseguiu sintetizar com maior felicidade uma imagem literária para a região é o romance A selva de Ferreira de Castro, autor que pertence ao cânone da literatura portuguesa contemporânea. Tal síntese reuniu elementos dispersos em outras obras que trataram da vida na Amazônia dando-lhes uma versão que, pela sua larga influência, passou a ser paradigmática para a literatura produzida e consumida na região (COSSON, 1994, p. 359) (grifos nossos).

De fato, o romance de Castro fora publicado no ano de 1930 e conta a saga de Alberto, um estudante de direito, que sai de Portugal, aos 26 anos, por motivos políticos e vem para o Brasil, rumo a Belém do Pará, ficando hospedado na casa de um tio. Não encontrando um emprego, e esgotada a generosidade do tio, “forçoso lhe é aceitar a situação de seringueiro, única que se lhe oferece, na longínqua Amazônia” (COELHO, 1982, p. 1013). É justamente aí que Alberto, personagem protagonista e narrador, viverá as experiências mais marcantes de sua vida, uma vez que “O desencontro da cultura e da sensibilidade do jovem português com o ambiente da selva, grandioso mais bárbaro, e as condições desumanas da vida no seringal formam o fundo do romance, que é sobretudo uma pintura, por vezes alucinante, da floresta amazônica” (COELHO, 1982, p. 1013).

Há que se chamar a atenção para o caráter autobiográfico d' *A selva*, além de um forte teor descritivo que contribui para reforçar, também, o seu caráter documental, característica muito presente em obras do regionalismo. O caráter autobiográfico d' *A Selva* se dá pelo fato de que as experiências vividas por Alberto se confundem com a própria experiência do autor, Ferreira de Castro, que veio para o Brasil, em 1911, por questões políticas e trabalhou na extração da borracha no seringal Paraíso, na floresta amazônica. Essa relação entre autor e personagem, no romance de Ferreira de Castro, imprimiu forte registro autobiográfico e testemunhal, que, ainda segundo Cosson (p. 359-360):

determinou o fundo documental que acompanha a ficção amazônica, como se o testemunho do vivido fosse condição primeira para a execução de qualquer projeto narrativo. (...), a preocupação maior do escritor parece ser afirmar, sobretudo, a veracidade de seu texto.

Para Cosson, a *documentalidade* de *A Selva* não se dá apenas pelo caráter descritivo e pela quantidade de informações históricas que a obra traz, mas também pelo seu compromisso com a denúncia social: “A equação que parece nortear o narrador é que em sendo mais veraz a sua narrativa, mais verdadeira seria, por conseguinte, a sua crítica à sociedade tematizada no livro” (p. 361). Assim, trata-se de uma obra que revela a saga de um imigrante português na Amazônia das primeiras décadas do século XX, além de revelar as condições de vida na selva, nos seringais, a relação patrão/empregado, representados aqui pelas figuras do coronel e dos capatazes, as condições de trabalho a que eram submetidos os seringueiros, o intercâmbio entre regiões culturais distintas, através da convergência de mão de obra vinda de outros estados e regiões, como os cearenses e maranhenses que iam em busca do “sonho do *el dorado*”, e a tensão entre o homem branco e os nativos, índios *Parintintins*.

A descrição da selva em sua cor local vem tornar-se um emaranhado na perspectiva do estudioso, ao ressaltar, entre outros exemplos, o fato de que

A selva é também o espaço da vida e da morte, onde cada elemento luta incessantemente pela sobrevivência e o homem é um ser a mais nessa corrente vital: “sentia-se a luta desesperada de caules e ramos, ali onde era difícil encontrar um palmo que não alimentasse vida prodigiosa. A selva dominava tudo. Não era o segundo reino; era o primeiro em força e categoria, tudo abandonando a plano secundário. O homem, simples viandante, no flanco do enigma, entregava a sua vida à dominadora” (COSSON, 1994, p. 363).

É, sobretudo, este olhar atento para as questões sociais, ambientadas na exuberante floresta amazônica, que nos servirá como elo para a leitura de *Selva trágica*, de Hernâni Donato, na literatura sul-mato-grossense.

Hernâni Donato: o relato romanesco do erval sul-mato-grossense

“A SELVA DE QUE TRATAMOS NESTE LIVRO ERA DE FATO TRÁGICA:

‘... éramos simples bugres, pelados, no meio dos ervais, que têm de pedir facão, sal, fósforos, algumas roupas, farinha e charque, para poder trepar na erveira, podá-la e fazer erva’” (“O Drama do Mate”, Antônio Bacilla, pág. 34).

Hernâni Donato inicia a apresentação de *Selva trágica* com essa epígrafe extraída ao romance *O drama do mate*, seguindo-se de outros fragmentos transcritos da mesma narrativa, outros da “Carta de Hernandarias ao rei da Espanha” e de dois depoimentos orais de trabalhadores dos ervais, coletados pelo próprio Hernâni Donato. Este é autor de obra copiosa, que relata mais profundamente a história do drama ocorrido nos ervais. O nome do escritor confunde-se particularmente com uma de suas várias obras: *Selva trágica*: a gesta ervateira no sul-leste-matogrossense, publicada pela primeira vez em 1959. Neste ano, os romances *Filhos do destino*: história da imigração e do café no estado de São Paulo (1951) e *Chão bruto* (1956) estavam na segunda e quinta edições, respectivamente, e Donato já se consagrara como escritor. Seu primeiro livro, *O livro das tradições*, é de 1945.

Ambientado, como se vê, na região Centro-Sul do estado de Mato Grosso do Sul, *Selva trágica* é pujante narrativa épica a tratar das “dantescas condições de trabalho da região” à época da extração da erva, daí extraíndo a seiva para o que o crítico Fábio Lucas caracterizou como “um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil” (LUCAS, 1987, p. 53-54). A história de vida do escritor, sua perceptível formação de homem devotado à cultura de modo geral e à convivência no mundo da erva-mate, compartilhando as experiências do peão do erval, correspondem à vigorosa estatura de suas narrativas e ao sucesso que elas angariaram. Três obras suas foram adaptadas para o cinema: *Selva trágica*, *Caçador de esmeraldas* e *Chão bruto*, esta por duas vezes.

Selva trágica retrata as primeiras décadas do século XX, representando sob a perspectiva dos “subalternos” a história dos que trabalhavam para a empresa estrangeira Mate Laranjeira, em que a personagem principal resulta sendo a própria erva-mate. A partir daí, a narrativa torna-se um monumento que registra a história da região sob a perspectiva do outro, dos que trabalharam e construíram a base da civilização e da cultura na região de fronteira Brasil-Paraguai, apenas parcialmente lembrados nas numerosas estatísticas dos que contribuíram para a construção de um dos maiores feitos de empreendedorismo na região.

A história do mundo do mate foi recuperada através de inúmeras viagens de pesquisa realizadas por Donato ao Sul de Mato Grosso, sendo ele próprio, ao final, proprietário de um erval próximo ao rio Paraná, o que, em tudo e por tudo vai configurar a robustez da obra e da própria “selva”, ambas temas e personagens do “drama do mate”, a encontrarem ressonâncias em outros textos-denúncia da miséria humana, da luta do homem com a terra

e das histórias de explorados e exploradores. Denúncia que Zokner (1991) recusou-se a aceitar como simples realidade ficcional, pois, ao se deparar com a palavra *mensu*, sentira-se constrangida diante do significado dessa palavra que, mais tarde, encontraria na obra *Obrageros, mensus e colonos* – no sistema das obragens, constituindo o espaço do livro de Roa Bastos: “la ciudadela de un país imaginário, amurallado por las grandes selvas del Alto Paraná: ‘os ervais de Takurú-Pukú’” (*apud* ZOKNER, 1991, p. 103). Assim, a denúncia era sobre o destino do *mensu*, sobre o seu trabalho escravo na mata subtropical em território argentino e paraguaio na extração da erva-mate e da madeira. *Mensu* designava, portanto, o peão que chegava ao Brasil para trabalhar nas obragens, ou seja, nas lidas da erva-mate e das matas brasileiras, um ser de identidade perdida, subterraneamente sem remissão:

Um caminho que é no entanto, sem volta, porque nas cidades onde se realizava o conchavo existia, ainda, alguma lei, algum simulacro de autoridade; porém, apenas embarcados, ficavam à mercê dos obrageros e de seus capatazes. ‘Logo que embarcavam para o Alto Paraná, os paraguaios, já de início, começavam a sentir os efeitos do domínio de uma obraje’. Assim, uma das primeiras agressões a que estavam sujeitos era a de serem desarmados, sendo surrados, já na viagem, aqueles que por esta ou por aquela outra razão protestassem. ‘Mas já não tinha jeito, o vapor não voltava mais’ (...). Nos ervais de Takurú-Pukú os mensus chegavam amontoados numa chata ou caminhando cinquenta léguas por meio do mato, onde iam ficando os mortos de doença, de picada de cobra. Ou, os mortos pelos tiros de capatazes (ZOKNER, 1991, p. 104-105).

A seguir, a transcrição, que corrobora, de algumas passagens de *Selva trágica*:

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pé e nas pernas a plantilla, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados de comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim.

Caminha tonto de sono, agoniado e sombrio. Enquanto a noite se desmancha no dia ainda distante, essa tristeza escorre pelos caminhos, remansa no largo central da vaqueria e de novo se espalha e flui pelos tape-hacienda e destes aos tape-poí, trilhas furadas no mato ate a mina – a ilha da erva-mate no mar verde da selva (...).

Era o instante cinza-pálido em que amanha desmanchava o escuro. Calçando as plantillas, tendo as pernas e as coxas endurecidas pelas botas de couro,

carregando a um lado o porongo de água e de outro o machete, haviam caminhado quilômetro. Quatrocentos mil quilos de erva já haviam saído daquela bolsa verde, deixando clareiras de árvores abatidas. Era crime derrubar as árvores da erva. Sabiam. Mas derrubavam. Nos começos, trabalhavam de tiru – subiam nas erveiras até o máximo de seis metros, e agarrados aos alhos cortavam os ramos. Depois, parece que o mundo endoideceu e começou a exigir mate a mais não haver. Abandonaram o tiru e começaram a bater machado, derrubando as árvores para desgallar no chão. Rendia mais assim! A ordem de todos os dias e produzir mais e mais. Isso mandam dizer, repetidamente, de Ponta Porã e de Buenos Aires – onde vivem os que mandam na erva e nos mineiros. Quando já não há o que derrubar, fazem os monteadores afundar no caatim buscando outra mina de erva (...).

Quando corou o que parece suficiente arrasta os galhos para o sapeco. É uma operação delicada e necessariamente rápida. Se se demora, as folhas perdem o alegre verde para um escuro funéreo. A seiva fermentada nas veias das folhas azeda, arruinando a colheita.

O capataz encoraja:

– Pro sapeco! Vamos, gente, e esse sapeco!?

Quase dia, hora em que a mata refresca, as flores trescalam e descansam os insetos bebedores de sangue. Mas os mineiros não têm nada com isso! Estão acendendo as tataguás – fogueiras espertas, de metro quadrado de folhas, gravetos e palhas, entre paredes e pranchas de pindó. Protegidos por essa paliçada, abraçam ramos de erva que passam e repassam no banho de fogo e calor. O mate, verde, resinoso, estraleja, crepita. As veias das folhas se rompem, queimam a seiva, impedindo que fiquem ardidas e embolando-se para facilitar o transporte. O fogo, a fumaça, o cheiro forte da resina crestada tornam difícil respirar. Entre o sapeco de um e outro feixe, os homens engolem o ar, limpam-se do suor (...).

Ao fim do sapeco o sol esta de fora. A manha cresce com um calor de trinta e nove graus, ajuntando pernilongos e biriguis no suor dos homens já entregues às manobras do depinico. Arrancam aos punhados as folhas ainda quentes, depositando-as no raído: um trançado de correias compondo o fardo que o homem levará às costas, sustentado pela cabeça, os ombros, a espinha. O raído médio deve pesar dez arrobas paraguaiaias. O máximo é o limite de forças do mineiro. Uma vez debaixo dele, o homem tem que levá-lo a destino ou cair ao chão – geralmente com a espinha partida. Muitos morreram assim, ensinando que o cuidado com o raído é coisa importante. Daí o Pytã, que não quer morrer pois está próximo o dia da partida, desvelar-se no preparo do seu

raído. Coloca a estaquilha a jeito e modo de não lhe ferir a cabeça; distende caprichosamente a pontchada para que durante o trajeto ao escapem e se percam ramos de folhas. (...)

Meio-dia. Avançam pelo tape, pernas duras, passadas curtas. Cada passo de baixo do raído de quase duzentos quilos exige grande esforço (DONATO, 1959, p. 16-21).

A escritora sul-mato-grossense Raquel Naveira homenageou *Selva trágica*, em extenso poema e nas palavras que transcrevemos a seguir:

Outro grande tema regional é o drama dos ervais. O gaúcho Tomás Laranjeiras, auxiliar da comissão de limites do governo imperial, logo após a Guerra do Paraguai, palmilhando a mata da Serra de Maracaju, observou as árvores de erva-mate, que apareciam até o Apa. Trouxe gente do Rio Grande do Sul e iniciou a exploração da erva-mate, fundando com os irmãos Murtinho a Companhia Mate Laranjeira. Hernâni Donato, em seu livro Selva trágica, descreveu os conflitos na região erva-teira, os homens escravizados no “inferno verde”. Hélio Serejo, nosso folclorista, também registrou várias passagens pungentes e, em homenagem a eles, escrevi este poema: “Os Ervais” (a Hélio Serejo e Hernâni Donato)⁴.

4 | NAVEIRA, Raquel. “Aspectos de Mato Grosso do Sul: uma visão poética”. Palestra proferida na Academia Paulista de Letras no dia 16/03/2007. 11f. Mimeografado.

A *Selva trágica*, de Donato, coloca-nos diante de uma situação muito semelhante à relatada em *A Selva*, de Ferreira de Castro, de modo que, aqui, também, a selva se nos apresenta como uma realidade extremamente trágica, sobretudo, “sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, *changa-y*, marginais, pequenos funcionários” (DONATO, 2011, p. 14). Sob o ângulo dos subalternos, daqueles que viviam às margens, que não eram vistos e nem tinham seus gritos ouvidos, não havendo, assim, quem os socorresse. Assim, tanto na obra de Ferreira de Castro quanto na de Hernâni Donato vemos o relato de um ambiente hostil, desumano, desesperador, no qual se encontram os trabalhadores logo após seus agenciamentos.

De fato, essa denúncia está presente nas duas narrativas aqui aproximadas, em que se vê o agenciamento através de promessas falsas de uma riqueza facilmente conquistada. Daí, observa o crítico Fábio Lucas, em “Na selva selvaggia da criação”, prefaciando a obra de Donato, ao destacar a importância desta para a literatura brasileira:

Livro de inegável valor literário é Selva Trágica, de Hernâni Donato. O tema social continua sendo a exploração humana no campo. O cenário é o sudeste de Mato Grosso. Trata-se da produção da erva-mate, quando os ervais eram aproveitados por uma Companhia que deles tinham o monopólio. O romance, a par do relato da vida degradada

dos ervateiros e mesmo dos satélites da Companhia, conta paralelas histórias de amor (...), episódios de fuga e consequente caçada humana. Documento eloquente, de notáveis revelações, de alto poder comunicativo e obra de grande valor estilístico, Selva Trágica mostra as dantescas condições de trabalho da região (LUCAS, apud DONATO, 2011, p. 83)

Sob tais considerações, queremos justificar este trabalho em seu aspecto nuclear para as reflexões que passaremos a expor, à guisa de considerações finais, chamando a atenção para a recente exposição de documentário, inédito, sobre a Companhia Matte Laranjeira que, como notícia o *Jornal Diário MS*, em matéria intitulada “Exposição de fotos mobiliza fronteira”, de 22/08/2012, “(...) reúne fotografias e documentos históricos que revelam o que a Companhia representou neste ciclo histórico da erva-mate do Estado”⁵.

Considerações finais: o ciclo da erva-mate e a constituição de uma região cultural

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pé e nas pernas a plantilla, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados de comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatim. Caminha tonto de sono, agoniado e sombrio. Enquanto a noite se desmancha no dia ainda distante, essa tristeza escorre pelos caminhos, remansa no largo central da vaqueria e de novo se espalha e flui pelos tape-bacienda e destes aos tape-poí, trilhas furadas no mato até a mina – a ilha da erva-mate no mar verde da selva (DONATO, apud SANTOS, 2011, p. 30).

O ciclo da Erva-mate compreende um movimento econômico inaugural do empreendedorismo na região sul do então Estado de Mato Grosso, que mais tarde, viria a ser o sul de Mato Grosso do Sul. Esse movimento teve início por volta de 1882 sendo um dos seus principais nomes Thomaz Laranjeira, a quem foi concedida a permissão para explorar o mate nos ervais nativos da região. Como se pode perceber, porém, na epígrafe acima, de *Selva trágica* (1959), de Hernâni Donato, este é também um período de muitos nomes, identidades e vozes silenciadas, sujeitos apagados no “mar verde da selva”, trágica selva que marca com ares de pujança o início de uma região formada pelo mosaico de identidades múltiplas, resultantes do trânsito entre fronteiras regionais, culturais, linguísticas, geográficas, étnicas, econômicas, etc.

5 | Cf. **ANEXOS**: registro de câmera digital, realizado pelo professor Paulo Nolasco, ao final deste trabalho. Trata-se da exposição “Cia. Matte Laranjeira – fragmentos da história de MS”, que está em exibição no salão da Prefeitura Municipal de Ponta Porã, com o objetivo principal de recuperar parte do momento histórico da instalação da Companhia que teve início por volta de 1890 (*Diário MS*, 22/08/2012).

A partir disso, pode-se dizer que a mostra referida, “Cia. Matte Laranjeira – fragmentos da história de MS”, vem contribuir com a construção da memória regional sul-mato-grossense, uma memória também alheia, cruzada com a história de homens que perderam suas vidas no meio dos ervais em condições subumanas, escrevendo uma história que nem sempre soube lhes dar o reconhecimento, cuja memória não pode jamais cair no esquecimento. Assim, acompanhando a perspectiva deste documentário, em exposição na cidade de Ponta Porã (a princesinha dos ervais), concluímos evocando a forte voz da oralidade que emerge tanto dos textos sobre a “selva” como das imagens anexadas a este trabalho. Principalmente, quando, a partir do título, referimo-nos ao contexto das “orilhas” borgeanas, cujo representante encontra sua natureza na figura do suburbano, discreto e taciturno, a quem Beatriz Sarlo (2007) assim sintetizou – *el orillero, es discreto y taciturno* – em obra que não só enaltece Borges como fixa a enunciação de um lócus para as vozes orilheiras, pois, da perspectiva borgeana, a apropriação de toda *orilha* representa o resgate de “el medio tono, la media voz, la oralidad, las formas preliterarias, los géneros menores, las palabras usadas con intención irónica o poética en la vida cotidiana (...)” (SARLO, 2007, p. 36, 42). Ou ainda, se, como observa Hartmann (2011), para toda zona de fronteira corresponderia uma forte tradição da oralidade, referindo-se ao poema *Martin Fierro*, que, para alguns, já seria uma narrativa que corria de boca em boca, apenas “literalizada” por José Hernandez, resta também concordar com a crítica, quando adverte que:

(...) assim como as fronteiras geográficas/políticas da região, as fronteiras entre oralidade e escrita acabam sendo facilmente transpostas e, talvez mais importante, há uma dinâmica entre os relatos orais, a escrita, e os novos relatos orais daí advindos, formando uma cadeia inesgotável de fontes de inspiração para as narrativas populares (HARTMANN, 2011, p. 175).

Referências Bibliográficas

ABRAHIM, Baze. *Ferreira de Castro – um imigrante português na Amazônia*. 2ª. ed. Manaus: Editora Valer, 2010.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ARAÚJO, Adriana de F. B. O regionalismo como outro. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. nº. 28. Brasília, Jul./Dez. 2006, p. 113-124.

CARVALHAL, Tania F. Relendo “O gaúcho a pé”. In: MASINA, Léa; APPEL, Myrna Bier (org.). *A geração de 30 no Rio Grande do Sul: literatura e artes plásticas*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000, p. 143-151.

CESAR, Guilhermino. *O embuçado do erval – mito e poesia de Pedro Canga*. Edição da Faculdade de Filosofia. Porto Alegre: Gráfica e Editora A Nação, 1968.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Ponta de estoque*. Caxias do Sul: EducS, 2006. 141p. Capítulo 4: O limite do regionalismo, p. 35-38; Capítulo 9: A fronteira da literatura, p. 61- 69; Capítulo 12: leitura dos pagos, p. 85-90.

COELHO, Jacinto do Prado. *Dicionário de literatura*. 3ª ed. v. 4. Porto: Companhia Editora do Minho – Barcelos, 1982.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSSON, Rildo. Notas à margem de uma fronteira móvel. In: *CONTINENTE Sul/Sur*; Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro, 1998, v. 7, p. 85-94.

_____. *A selva e o regionalismo amazônico*. In: Congresso Internazionale *IL PORTOGALLO E I MARI: UM INCONTRO TRA CULTURE*. Istituto Universitario Orientale: Napoli: Liguori Editore, dicembre 1994, p. 359-369.

DINIZ, Dilma, C. B.; **COELHO**, Haydée R. Regionalismo. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 415-433.

DONATO, Hernâni. *Selva trágica: a gesta ervateira no suestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

_____. *Selva trágica*. Taubaté; SP: LetraSelvagem, 2011. 287p.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura brasileira: modos de usar*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

HARTMANN, Luciana. Memória, mentira e esquecimento entre contadores de “causos” gaúchos. In: EWALD, Felipe G. et al. (org.). *Cartografias da voz: poesia oral e sonora: tradição e vanguarda*. São Paulo: Letra e Voz; Curitiba; Fundação Araucária, 2011, p. 169-187.

JORNAL *Diário MS*. Dourados; MS, p. 4, 22/08/2012.

KALIMAN, Ricardo. *La palabra que produce regiones*. El concepto de region desde la teoria literaria. Tucuman: Universidad Nacional de Tucumán, Faculdade de Filosofia y Letras, Instituto de Historia y Pensamiento Argentos, Julio 1994.

LUCAS, Fábio. *Na selva selvaggia da criação*. Prefácio. In: **DONATO**, Hernâni. *Selva trágica*. Taubaté; SP: Letra Selvagem, 2011, p. 7-10.

_____. *O caráter social da ficção do Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MIRANDA, Wander Melo. In: *Ficções do Brasil: conferências sobre literatura e identidade nacional* [coordenação: Marcílio França Castro; colaboração: Ana Martins Marques e Francisco de Moraes Mendes]. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2006. p. 131-169: A arte política de Graciliano Ramos.

NOLASCO, Edgar C. Para onde devem voar os pássaros depois do último céu? In: *Raído*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD. Dourados MS, UFGD, v. 2, n. 3, 2008, p. 65-76.

_____.; **BESSA-OLIVEIRA**, Marcos A. Entre Paraguai(s), Bolívia(s) e Brasil(s): Diálogos nas quase fronteiras “dissolvidas”. In: GÓIS, Marcos L. de S.; SANTOS, Paulo Sérgio N. dos. (org.). *Literatura e Linguística: práticas de interculturalidade no Mato Grosso do Sul*. Dourados: Editora UFGD, 2011, p. 107-137.

NOLASCO, Edgar C.; **BESSA-OLIVEIRA**, Marcos, A.; **SANTOS**, Paulo, N. dos. *Arte, cultura e literatura em Mato Grosso do Sul: por uma conceituação da identidade local*. Campo Grande; MS, Life Editora, 2011, 189 p. Parte I: Literatura, p. 15-57.

PALERMO, Zulma. De fronteras, travesías y otras liminalidades. In: COUTINHO, Eduardo F.; BEHAR, Lisa B.; RODRIGUES, Sara V. (org). *Elogio da lucidez: a comparação literária em âmbito universal; textos em homenagem a Tania Franco Carvalhal*. Porto Alegre: Evangraf, 2004. p. 237-244.

_____. El constructo “región literaria”: problemas y perspectivas. In: *Congresso brasileiro de literatura comparada*, 4, São Paulo, Anais... São Paulo: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1994, p. 1093-1101.

REVISTA CERRADOS. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Literatura e compromisso social. Brasília/Universidade de Brasília, n. 28, 2009. 435p.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Fronteiras do local: o conceito de regionalismo nas literaturas da América Latina. In: *Revista de Literatura, história e memória*. Literatura e Cultura na América Latina. v. 5, nº 5, 2009. Unioeste / Cascavel. p. 47-61.

_____. *Fronteiras do local: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande: Editora UMS, 2008.

SARLO, Beatriz. *Borges: un escritor en las orillas*. Madrid: Siglo Veintiuno, 2007. Capítulo 3: La libertad de los orilleros, p. 35-57.

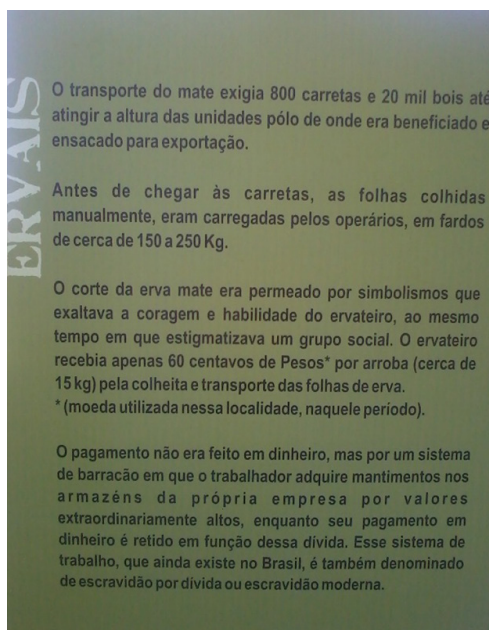
SERRA, Ulisses. *Camalotes e guavirais*. Edição comemorativa do centenário de nascimento de Ulisses Serra. Campo Grande: Instituto Historiográfico de Mato Grosso do Sul. 2006, 175p.

SILVA, Maria Luiza Berwanger da. Guilhermino César e a invenção do regionalismo. In: _____. *Paisagens do dom e da troca: da reinvenção à invenção*. Porto Alegre: Editora Literalis, 2009, p. 160-169.

SOUZA, Eneida M. de. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

Anexos



Anexo 1 – Folder de abertura da exposição.



Anexo 2 – Peão carregando o Raído.



Anexo 3 – Peões no erval.



Anexo 4 – Reunião comemorativa num dos ranchos da fazenda Campanário. (Da esquerda para a direita) entre os homens o quarto em pé: Dr. Teixeira – médico. O segundo sentado: Heitor Mendes Gonçalves. Os demais homens de terno eram políticos.



Anexo 5 – Sede da Cia. Matte Larangeira em Buenos Aires, Argentina.

